



Loïc Wacquant

CORPO E ALMA

Notas etnográficas de um aprendiz de boxe

RELUME  DUMARÁ

Prólogo

Em agosto de 1988, como resultado de um conjunto de circunstâncias,⁽¹⁾ inscrevi-me em um clube de boxe de um bairro do gueto negro de Chicago. Eu nunca praticara esse esporte e nem sequer havia passado pela minha cabeça praticá-lo. Exceto as noções superficiais e as imagens estereotipadas que qualquer pessoa pode formar a respeito dele, pela mídia, pelo cinema e pela literatura,¹ nunca havia tido qualquer contato com o mundo do pugilismo. Encontrava-me, portanto, na situação do perfeito novicho.

Durante três anos, participei dos treinamentos, ao lado dos boxeadores locais, amadores e profissionais, com cerca de três a seis sessões por semana, submetendo-me com aplicação a todas as fases de sua rigorosa preparação, o *shadow boxing* [sombra]^(*)

⁽¹⁾ Conjunto de circunstâncias provocado por meu amigo Olivier Herimine, a quem serei eternamente grato, por ter me levado ao clube Woodlawn. Gos-taria de agradecer a Pierre Bourdieu, por ter me apoiado, desde o começo, em uma empreitada que, ao exigir o empenho da pessoa física, só poderia ser bem desenvolvida com o apoio moral constante. Seus encorajamentos, seus conselhos e sua visita ao Boys Club ajudaram-me, em meus momentos de dúvida (e de cansaço), a encontrar a força para persistir em minhas investigações. Meu reconhecimento vai também para todos aqueles colegas, parentes e amigos, demais para serem aqui nomeados, que me apoiaram, estimularam e reconfortaram durante e depois dessa pesquisa – eles sabem quem são e o que lhes devo –, e a Thierry Discepolo, pela energia e paciência com que trabalhou na produção dos originais. Enfim, não é preciso dizer que esse livro não existiria sem a generosidade e a confiança fraterna de meus *gym buddies* de Woodlawn e de nosso mentor DeeDee; espero que eles vejam aqui a marca de minha estima e de meu afeto indestrutíveis.

^(*) Todas as palavras grafadas em inglês estão nesta língua no original. [N. T.]

diante do espelho, com o *sparring*,⁽¹⁾ no ringue. Para minha própria surpresa, e das pessoas que me eram próximas, pouco a pouco fui gostando do jogo, a ponto de passar todas as minhas tardes na academia do Woodlawn e de “calçar as luvas” do clube com regularidade, junto com os profissionais, antes de passar para o lado de dentro das cordas, para disputar minha primeira luta oficial, durante as Golden Gloves de Chicago – na embriaguez do mergulho, durante algum tempo, cheguei a pensar em interromper minha carreira universitária para “passar para o lado” dos profissionais e, assim, permanecer junto a meus amigos do *gym* e ao técnico, DeeDee Armour, que se tornou para mim um segundo pai.⁽²⁾

(1) O termo *sparring*, em português, refere-se apenas ao pugilista que pratica o exercício de boxe que simula uma luta, no ringue. Em inglês, o termo é empregado igualmente para o próprio exercício. Neste livro, *sparring* será usado nas duas acepções, pela impossibilidade de se adaptar todas as vezes o contexto em que a palavra é utilizada. Por conseguinte, serão encontradas expressões como “fazer *sparring*”, “o *sparring*” [referindo-se ao exercício] etc. [N. T.]

(2) Como atesta essa nota, entre outras do mesmo tipo, escrita em meu diário de campo, em agosto de 1990: “Hoje me diverti tanto no *gym*, falando e rindo com DeeDee e Curtis, sentado na sala dos fundos e simplesmente *vivendo e respirando* ali, no meio deles, embebendo-me como uma esponja da atmosfera da sala, que senti um repentino sopro de angústia abafante diante da idéia de ter de voltar logo a Harvard [onde eu acabara de ser admitido]. Experimentei tal prazer simplesmente de *participar* que a *observação* tornou-se secundária e, francamente, estava dizendo a mim mesmo que, de bom grado, abandonaria meus estudos, minhas pesquisas e todo o resto para poder ficar aqui, boxeando, permanecer ‘one of the boys’. Sei que isso é completamente tolo e certamente irrealista, mas, nesse momento preciso, a perspectiva de migrar para Harvard, de apresentar um *paper* à ASA [congresso anual da American Sociological Association], de escrever artigos, ler livros, assistir a conferências e o *tutti frutti* universitário, acho tudo isso sem o menor sentido, deprimente, de tal forma morno (morto) em relação à alegria carnal pura e viva que me oferece o diabo desse *gym* (é preciso ver as cenas de disputa dignas de Pagnol entre DeeDee e Curtis!), que eu queria largar tudo, *drop out*, para ficar em Chicago. É verdadeiramente *crazy*. PB [Pierre Bourdieu], outro dia, me dizia que ele tinha medo de que eu me ‘deixasse seduzir por meu objeto’, mas se ele soubesse: já estou bem para lá da sedução!”

Depois disso, assisti a uns trinta torneios e “reuniões” de boxe realizados em diversos bares, cinemas e praças de esporte da cidade e do subúrbio, na qualidade de colega de academia e assistente, o parceiro *sparring* e confidente, “segundo” e fotógrafo, o que me valeu ter livre acesso a todas as encenações e a todos os bastidores do mundo da luta. Também acompanhei os boxeadores do meu *gym* “na estrada”, por ocasião dos encontros organizados em outros lugares do Midwest e nos famosos (mas lastimáveis) cassinos de Atlantic City. E fui progressivamente assimilando as categorias de julgamento dos pugilistas, sob o bastão de DeeDee, conversando sem parar com ele, na academia, e dissecando as lutas na televisão, na casa dele, à noite, os dois sentados na sua cama, na cozinha do pequeno apartamento.

A amizade e a confiança que os freqüentadores de Woodlawn concederam-me fizeram com que eu pudesse me fundir com eles, no interior da academia, mas também que pudesse acompanhá-los em suas peregrinações cotidianas, do lado de fora, em busca de um emprego, de um lugar para morar, à cata de negócios no comércio do gueto, em suas alterações com as esposas, no escritório do seguro social ou na polícia, bem como em seus passeios sem destino, entre as galeras [*homies*] das terríveis cidades vizinhas. Assim, meus colegas de ringue me fizeram compartilhar de suas alegrias e dores, de seus sonhos e seus dissabores, dos piqueniques, das noites dançantes e de seus passeios familiares. Levaram-me para rezar em sua igreja, para cortar [*fade*] o cabelo no barbeiro deles, para jogar bilhar em seus bares favoritos, para escutar rap *ad nauseam*, e até para aplaudir o *Minister* Louis Farrakhan, por ocasião de um encontro político-religioso da Nação do Islã – no qual me vi, eu, o único descrente europeu entre dez mil devotos afro-americanos em transe. Vivi com eles três enterros, dois casamentos,² quatro nascimentos e um batismo, e assisti ao lado deles, com uma tristeza insondável, ao fechamento do *gym* de Woodlawn, condenado em fevereiro de 1992 e demolido um ano mais tarde, em uma operação de “renovação” urbana.

As notas tomadas no dia-a-dia, depois de cada sessão de treinamento, em meu diário de campo (inicialmente para ajudar-me a superar um profundo sentimento de mal-estar e de embaraço

físico, sentimento, sem dúvida alguma, redobrado pelo próprio fato de eu ser o único branco em uma academia freqüentada, na época do meu ingresso, exclusivamente por negros), assim como as observações, as fotos e gravações realizadas durante as lutas promovidas pelos membros de minha academia, forneceram a matéria para os textos que aqui se irão ler.⁽³⁾

Desde logo, parece que, para se ter alguma chance de escapar ao objeto pré-construído da mitologia coletiva, uma sociologia do boxe deve evitar o recurso fácil ao *exotismo pré-fabricado* da vertente pública e publicada da instituição – as lutas, grandes ou pequenas, o heroísmo da ascensão social do miraculado (Marvellous Marvin Hagler: do gueto à glória, clama com eloqüência um cartaz pendurado em uma das paredes do Woodlawn Boys Club), a vida e a carreira fora do comum dos campeões. Ela deve apreender o boxe pelo seu lado menos conhecido e espetacular: a cinzenta e lancinante rotina dos treinamentos na academia, da longa e ingrata preparação, inseparavelmente física e moral, que preludia as breves aparições sob as luzes da rampa, os ritos ínfimos e íntimos da vida do *gym*, que produzem e reproduzem a crença que alimenta essa economia corporal, material e simbólica muito particular que é o mundo do pugilismo. Para evitar, portanto, o excesso da sociologia espontânea, que a evocação das lutas não deixa de suscitar, é preciso não subir ao ringue pensando na figura extraordinária do campeão, mas socar os aparelhos, ao lado de boxistas anônimos, no contexto habitual do *gym*.

⁽³⁾ Essas observações etnográficas foram completadas e entremeadas, no fim do percurso, pela coleta das histórias de vida dos principais membros do clube de Woodlawn, por uma série de entrevistas de profundidade com alguns pugilistas profissionais então atuantes no estado de Illinois, assim como com seus treinadores e empresários, e pelo exame da literatura “indígena” (revistas e cartas com informações especializadas, biografias e autobiografias) e seus derivados eruditos (escritos literários e historiográficos). Também freqüentei três outros ginásios profissionais de Chicago e visitei uma dezena de outros clubes nos Estados Unidos e na Europa. Depois que deixei Chicago, tornei-me membro de três academias de boxe, em Boston, Nova York e Oakland.

A outra virtude de uma abordagem com base na observação participante (que, no caso presente, é mais uma “participação observante”) em uma banal academia de treinamento é que os materiais assim produzidos não padecem do “paralogismo ecológico” que afeta a maior parte dos estudos e relatos disponíveis sobre a Nobre Arte. Assim, nenhuma das declarações aqui relacionadas foram expressamente solicitadas: os comportamentos descritos são aqueles do boxeador em seu “hábitat natural”³ e não a (re)apresentação teatralizada e altamente codificada que ele gosta de fazer de si mesmo em público, e que as reportagens jornalísticas e os romances retraduzem e louvam segundo seus cânones próprios.

Ao romper com o discurso moralizante – que alimenta, indiferentemente, a celebração e a difamação – produzido pelo “olhar distante” de um observador externo, colocado na retaguarda ou acima do universo específico, este livro gostaria de sugerir provisoriamente como o pugilismo “faz sentido” quando se toma o cuidado de dele nos aproximarmos o suficiente para apanhá-lo *com o seu corpo*, em situação quase experimental. Por isso, o livro é composto de três textos com estatuto e estilo deliberadamente díspares, que justapõem descrição etnográfica, análise sociológica e evocação literária, de modo a comunicar, ao mesmo tempo, o percepto e o conceito, as determinações ocultas e as experiências vividas, os fatores externos e as sensações interiores que, ao mesclarem-se, formam o mundo do pugilismo. Em resumo, ele gostaria de *mostrar* e de *demonstrar*, em um mesmo movimento, a lógica social e sensual que informa o boxe como ofício do corpo no gueto norte-americano.

O primeiro texto desembaralha a meada das relações agitadas que ligam a rua e o ringue, e descreve como o inculcar da Nobre Arte se dá como trabalho de conversão ginástica, perceptiva, emocional e mental, que se efetua de um modo prático e coletivo, com base em uma pedagogia implícita e mimética que, paciente-mente, redefine, um a um, todos os parâmetros da existência do boxeador. Ele apóia-se em um artigo redigido durante o verão de 1989,⁴ ou seja, um ano após minha entrada no clube de Woodlawn, depois que sofri uma fratura do nariz, durante uma sessão com *sparring*, que me obrigou a uma inatividade propícia a um retor-

no à reflexão sobre meu noviciado então em curso.⁽⁴⁾ Foi preciso resistir à tentação de refazer totalmente esse “escrito de juventude”, prelúdio de uma análise mais compreensiva da “fábrica” de pugilistas, que é o tema de um livro atualmente em fase de redação,⁽⁵⁾ e investindo aí principalmente tudo o que foi adquirido dos trabalhos posteriores, frutos de mais dois anos de submersão intensiva. Limitamo-nos a enriquecer os dados e a tornar claras as análises originais, conservando, contudo, sua economia de conjunto. Pareceu-nos, de fato, que as lacunas empíricas e a semi-ingenuidade analítica desse texto de aprendiz de sociólogo tinha como contrapartida um frescor etnográfico e uma candura de tom que poderiam ajudar o leitor a deslizar melhor para dentro da pele do boxeador.

O segundo texto, redigido pela primeira vez em 1993, retomado e completado sete anos mais tarde, com a ajuda de fitas de áudio e vídeo gravadas na época, descreve minuciosamente uma jornada de reuniões de boxe em um bar de um bairro operário do South Side, desde os preparativos de pesagem oficial, de manhã cedo, até a volta das festividades, depois das lutas, tarde da noite. As unidades de tempo, de lugar e de ação permitem pôr em relevo a imbricação mútua dos ingredientes e das redes sociais que o primeiro texto necessariamente separara: o interesse e o desejo, a afeição e a exploração, o masculino e o feminino, o sagrado e o profano, a abstinência e o prazer, a rotina e o imprevisto, o código de honra viril e o *diktat* brutal das opressões materiais.

O terceiro texto, se nos é permitida uma expressão que acentua o oxímoro, é uma “notícia sociológica”. Escrito a pedido de

Michel Le Bris para um número especial da revista literária *Gulliver*, dedicado a “Escrever o esporte”,⁵ ele segue passo a passo a preparação e a apresentação do autor na temporada de 1990 das Chicago Golden Gloves, o maior torneio amador do Midwest, de um modo narrativo que se esforça por apagar os traços do trabalho de construção sociológica (a ponto de Le Bris acreditar-se autorizado a qualificá-lo injustamente, no prefácio, de “relato, com toda a sociologia em suspenso”), preservando seus principais resultados.⁽⁶⁾ A junção desses gêneros habitualmente segregados – sociologia, etnografia e reportagem –, tem como finalidade permitir que o leitor perceba melhor as coisas do pugilismo “no concreto, como elas são”, e a ver os boxeadores em movimento, “como, na mecânica, vêem-se as massas e os sistemas, ou como, no mar, vemos os polvos e as anêmonas”. Percebemos inúmeros homens, forças móveis e que flutuam no seu meio e em seus sentimentos.⁶

É instrutivo, para concluir este prólogo, acentuar os principais fatores que tornaram possível essa pesquisa, entre os quais o mais decisivo foi, sem dúvida, o caráter “oportunista” de minha inserção.⁷ De fato, não entrei no *gym* com a finalidade expressa de dissecar o mundo do pugilismo. Minha intenção inicial era servir-me da academia de boxe como uma “janela” para o gueto, para observar as estratégias sociais dos jovens do bairro – meu objeto original –, e foi somente ao final de 16 meses de presença assídua, e depois de ter sido entronizado como membro do círculo dos Boys Club, que decidi, com o aval dos interessados, fazer do ofício de boxeador um objeto de estudo totalmente à parte. Não há dúvida de que jamais ganharia a confiança nem me beneficiaria da colaboração dos frequentadores do Woodlawn se tivesse entrado na academia com o firme propósito de estudá-la, porque essa própria intenção teria irrevogavelmente modificado

⁽⁶⁾ Além do mais, esse texto coloca, em termos práticos, a questão da escrita em ciências sociais e da diferença entre sociologia e ficção, questão que atormentou bastante os antropólogos na década passada, porque, logo depois que o texto foi publicado, ele valeu-me a oferta, por parte de uma grande casa editora de Paris, de um contrato para publicar... meu “romance”.

✓ ⁽⁴⁾ Foi ao redigir esse artigo que compreendi até que ponto o ginásio constituía um “campo estratégico de pesquisa” (como diria Robert Merton) e decidi fazer da profissão de boxista um segundo tema de estudos, paralelamente ao gueto.

✓ ⁽⁵⁾ *A paixão do pugilista* irá tratar de maneira aprofundada, entre outras coisas, da dialética do desejo e da dominação na gênese social da vocação de boxista, da estrutura e do funcionamento da economia pugilística, do trabalho de treinador como uma terapia regressiva, das crenças indígenas sobre o sexo e as mulheres, e do confronto no ringue como ritual de masculinização.

meu *status* e meu papel no contexto do sistema social e simbólico considerado.

Além disso, eu tivera a sorte de ter praticado vários esportes competitivos na minha infância, no Languedoc (futebol, basquete, rugby, tênis), de modo que, quando entrei no Boys Club, dispunha de um pequeno capital inicial esportivo, que se revelou indispensável para que eu enfrentasse com sucesso as provas pugilísticas. O acaso da geografia também quis que eu me inscrevesse em um *gym* “tradicionalista”, dirigido com punhos de aço por um técnico de estatura internacional e que desfrutava de uma fama invejável na cidade, desde que a academia fora aberta, em 1977, de modo que pude aprender a boxear dentro das regras da arte, em contato com treinadores e lutadores competentes.⁽⁷⁾ É provável que eu não tivesse persistido na minha empreitada ou, pior, que eu fracassasse seriamente, caso tivesse feito meu aprendizado em uma das academias anatômicas mantidas pelo serviço de parques e jardins da cidade.

Ser o único branco do clube poderia constituir um sério obstáculo à minha integração, amputando, assim, minha capacidade de penetrar no mundo social dos pugilistas, se não fosse a ação conjugada de três aspectos compensadores. Primeiro, o *ethos* igualitarista e o daltonismo racial afirmado da cultura pugilística fazem com que se seja nela totalmente aceito, desde que nos dobremos diante da disciplina comum e desde que paguemos “o que é devido” no ringue. Em segundo lugar, minha nacionalidade francesa concedeu-me uma espécie de exterioridade

(7) O *gym* de Woodlawn era então um dos 52 clubes de boxe oficialmente listados no estado de Illinois e uma das quatro principais academias profissionais de Chicago (isto é, onde treinavam boxeadores “profissionais” pagos pelos serviços prestados entre as cordas, além dos amadores que povoam todos os clubes). A maioria dos pugilistas de destaque nos anos 80, em Chicago, em um momento ou outro, havia passado pelo Woodlawn Boys Club, que era, até o seu fechamento, um dos principais fornecedores de lutadores para os encontros regionais. No final de sua carreira, Mohammad Ali, que tem uma casa perto de lá, no bairro rico do Hyde Park-Kenwood, ilha de opulência branca perdida em meio ao oceano da miséria negra do South Side, tinha o hábito de ir treinar ali – a cada vez, sua aparição provocava explosões de alegria na rua.

estatutária com relação à estrutura das relações de exploração, de desprezo e desconfiança mútua que opõem brancos e negros na América do Norte. Beneficiei-me do capital histórico de simpatia de que a França desfruta entre a população afro-americana, em virtude da acolhida recebida pelos soldados no Hexágono, nas duas guerras mundiais (quando, pela primeira vez na vida, eles viram-se tratados como seres humanos, e não como integrantes de uma subcasta),⁸ e pelo simples fato de que eu não tinha a *hexis* do americano branco médio, que marca continuamente, nem que seja pela defesa do corpo, a fronteira infranqueável entre as comunidades. Eddie, o treinador assistente do Woodlawn, explica:

Tenho respeito por você, Louie, por ter vindo pro *gym* e ser um carinho como outro qualquer na academia... Não tem muitos caucasianos [brancos] fazendo isso junto com a gente, os negros... Minha mulher e eu, faz cinco anos que a gente mora no Hyde Park [o bairro da Universidade de Chicago, 80% branco], e nós nunca falamos com caucasianos, nunca. Quando eles chegam perto de você, na rua, eles ficam com essa cara apavorada, como se você fosse pular em cima deles. É por isso que minha mulher e eu nunca falamos com um caucasiano no Hyde Park. [Sobe de tom e sua fala acelera-se sob o efeito da emoção.] A maioria dos caucasianos, quando você chega perto deles, ou quando você tenta falar com eles, eles chegam pra trás e olham pra você como se você tivesse uma argola no nariz, vê só. Eles fazem careta [ele gira os olhos com um ar selvagem], e você pode ver que tem qualquer coisa que não está pegando bem. Mas você, você não faz isso, você fica tão à vontade na academia e quando vai às lutas com a gente...

Cara! Você fica tão à vontade que até parece que você não é caucasiano. [Sua companheira] Liz e você, o único jeito de saber que vocês não são negros é pelo modo de falar, e porque você é francês, é claro. Mas você está lá no *gym* com a gente, você fala com os outros caras, você é feito eles. Você não fica tenso ou nervoso porque está entre a gente. Você relaxa [*loose*], você se entende bem com os carinhos e eles gostam de você também... Saca só, eu respeito as pessoas que me respeitam. Então, eu respeito você. Louie, você faz parte da equipe com a gente. Outro

dia eu estava falando pra alguém no meu serviço: "Temos o 'Fighting Frenchman' com a gente na equipe!" [Ele corou de prazer] Uau, você faz parte da equipe como os outros.⁽⁸⁾

Finalmente, meu "abandono" total às exigências do campo⁽⁹⁾ e, sobretudo, o fato de eu calçar as luvas com eles regularmente valeram-me a estima de meus camaradas de clube, como é atestado pelo chamamento "brother Louie" e pela gama de apelidos afetuosos que eles me deram ao longo dos meses. "Busy Louie", meu nome no ringue, mas também "Bad Dude", "The French Bomber", "The French Hammer" e "The Black Frenchman". Além das provas de solidariedade que dei cotidianamente, fora da academia, dos serviços e das diversas intervenções junto às burocracias públicas e privadas que regiam suas vidas, o fato de eu ter levado minha iniciação até "fazer" as Golden Gloves contribuiu amplamente para que eu estabelecesse meu status no clube e para selar minha legitimidade de aprendiz de boxe junto aos atletas e aos treinadores de outros ginásios, que, depois de minha apresentação oficial entre as cordas, me reconheciam como "one of DeeDee's Boys" [um dos rapazes de Dee Dee].

Berkeley, dezembro de 2000

Notas

1. Para mencionar apenas os grandes nomes da literatura norte-americana contemporânea, Arthur Krystal, "Ifs, and, butts: the literary sensibility at ringside". *Harper's Magazine* (junho de 1987, n. 274, p. 63-67) cita, entre outros, Ernest Hemmingway, Jack London, Dashiell Hammett, Nelson Algren, James Farrell, Ring Lardner, Norman Mailer e Ralph Ellison, a que

⁽⁸⁾ Depois que voltei de uma estada na França, durante as festas de Natal, o mesmo Eddie perguntou-me, nos bastidores, diante de todos os frequentadores habituais: "E aí, Louie, você contou pra sua família que está treinando no gym com lutadores profissionais? Disse pra sua família que você é one of the guys, que a gente trata você como se fosse um negro?"

⁽⁹⁾ Kurt Wolf definiu o conceito de "abandono" em etnografia como implicando "um engajamento total, uma suspensão das noções recebidas, a pertinência de qualquer coisa, a identificação e o risco de se deixar ferir."

veio juntar-se tardiamente uma das muito raras mulheres, a romancista Joyce Carol Oates, a quem devemos o belíssimo *On boxing* (Garden City: Doubleday, 1987).

2. Pode-se encontrar uma etnografia dos ágapes matrimoniais de Anthony e de Mark em meu artigo "Un mariage dans le ghetto". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 113, junho de 1996, p. 68-85.
3. Sobre o paralogismo ecológico, ler Aaron Cicourel, "Interviews, surveys, and the problem of ecological validity" (*The American Sociologist*, n. 17, fevereiro de 1982, p. 11-20); e as observações metodológicas correlatas de Howard Becker. "Studying practitioners of vice and crime". In: William Habenstein (org.). *Pathways to data*. Chicago: Aldine, 1970, p. 30-49.
4. Loïc Wacquant. "Corps et âme: notes ethnographiques d'un apprenti boxeur". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 80, novembro de 1989, p. 33-67.
5. Loïc Wacquant. "'Busy Louie' aux Golden Gloves". *Gulliver*, n. 6, abril-junho de 1991, p. 12-33.
6. Marcel Mauss. "Essai sur le don. Forme et raisons de l'échange dans les sociétés archaïques". In: Marcel Mauss. *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, (1925) 1950, p. 276 [trad. bras.: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 2 v., 1974].
7. Jeffrey M. Riemer. "Varieties of opportunistic research". *Urban Life*, n. 5-4, janeiro de 1977, p. 467-477.
8. Sobre "a afeição histórica" dos negros norte-americanos pela França e suas origens na experiência vivida de uma miscigenação tabu e violentamente reprimida nos Estados Unidos, ler Tyler Stovall. *Paris noir: African Americans in the City of Light*. Boston: Houghton Mifflin, 1998.
9. Kurt Wolf. "Surrender and community study: the study of Loma". In: Arthur J. Vidich e Joseph Bensman (org.). *Reflections or community studies*. Nova York: Wiley, 1964, p. 233-263.

pode-se igualmente incluir o fato de que os exercícios e as dietas alimentares que os boxeadores seguem não são objeto de qualquer tipo de cálculo ou planejamento metódicos:⁽⁴³⁾ o desinteresse total dos membros do Boys Club com relação a seu futuro oponente, depois da aprovação de um contrato de combate. Essa indiferença, tanto do lado dos boxeadores profissionais (“Isso não tem importância, não estou nem aí, eu devo combater o meu combate”) quanto dos treinadores (que, uma vez feito o contrato, não se dão ao menor trabalho de conhecer o adversário de seu pupilo, para saber de antemão qual o estilo dele, sua estratégia preferida, seus trunfos e suas fraquezas),⁽⁴⁴⁾ parece, à primeira vista, contradizer o *ethos* da preparação ótima e minuciosa que, incessantemente reafirmada, impregna a atmosfera da academia. Sem dúvida, essa recusa das técnicas modernas de observação e de treinamento está ligada à indivisibilidade relativa das funções de suporte e à tarefa de inculcar, no espaço pugilístico: lá onde outros esportes deram nascimento a complexas burocracias compostas de uma multiplicidade de funções ultra-especializadas, o boxe continua a operar com a tríade artesanal treinador-assistente-empresário – e pode acontecer que a mesma pessoa assuma as três funções. De modo mais profundo, é um princípio ético, uma outra relação com o corpo e com o esporte que assim se afirma, e talvez mesmo uma outra era do boxe que sobrevive.⁽⁴⁵⁾

⁽⁴³⁾ Nenhum treinador ou boxeador de Woodlawn tem qualquer registro escrito no qual ele anote a seqüência das sessões de treinamento, a alimentação, a duração e a quilometragem das corridas de treino, ou mesmo o peso, tal como é recomendado, por exemplo, pelo método de boxe Jean-Claude Bouttier e Jean Letessier.⁹⁴

⁽⁴⁴⁾ Assim se faz nos esportes mais racionalizados e burocratizados, como o basquete ou o futebol americano, em que os técnicos são secundados por uma miríade de assistentes especializados que assistem a fitas de jogos das equipes adversárias, colecionam quilômetros de estatísticas detalhadas sobre cada um dos jogadores e sobre suas tendências e vão “espioná-los” durante os treinos etc.⁹⁵

⁽⁴⁵⁾ Se um adversário de um de seus boxeadores promete levantar problemas particulares (por ser canhoto e boxear com uma “guarda inversa”, por exemplo), Eddie utiliza, às vezes, o vídeo para assistir a seus combates antes, se existirem fitas, e pode mesmo (mas é excepcional) deslocar-se para

É claro que seria totalmente fútil tentar distinguir o que, no saber adquirido pelo aprendiz de boxe, vem das intervenções deliberadas de DeeDee do que vem da influência dos pares ou de esforços e “talentos” pessoais.⁽⁴⁶⁾ Porque a energia motriz dessa *máquina pedagógica auto-regulada* que constitui o *gym* não reside nem na imitação mecânica de um gesto, nem na soma de exercícios incansavelmente repetidos por todos, e menos ainda no “saber-poder” de algum agente (no caso, o treinador) situado no ponto nevrálgico do edifício, mas, antes, no sistema indiviso das relações materiais e simbólicas que se estabelecem entre os diferentes participantes, e principalmente na disposição de seus corpos no espaço físico da academia e em seu tempo específico. Em uma palavra, é o “pequeno ambiente” do *gym* como um todo, “como feixe de forças físicas e morais”,⁹⁷ que fabrica o boxeador.

Administrar seu capital-corpo

Existem poucas práticas nas quais a expressão “pagar com sua própria pessoa” assuma sentido mais forte do que no boxe. Mais do que qualquer outro esporte, o desenvolvimento bem-sucedido de uma carreira, sobretudo profissional, supõe uma gestão rigorosa do corpo, uma conservação meticulosa de cada uma de suas partes (muito especialmente as mãos, mas também o rosto),⁽⁴⁷⁾ uma atenção contínua, no ringue e fora dele, para o bom

observá-lo no ringue. O que tende a confirmar a hipótese da ascensão de um novo modo de preparação, mais “moderno”, no interior do Woodlawn Boys Club. O que se sabe da preparação dos campeões por meio das autobiografias e da imprensa especializada não permite decifrar, em um sentido ou outro, a questão da racionalização do treinamento pugilístico: os mesmos que adotam as técnicas científicas, dietéticas e médicas mais avançadas estão prontos a voltar aos veneráveis métodos estabelecidos pela tradição, depois de uma derrota (mas não vice-versa).

⁽⁴⁶⁾ Se é que se pode dar algum sentido à noção indígena de “talento”, depois da crítica radical que dela fez Daniel Chambliss.⁹⁶

⁽⁴⁷⁾ São as duas partes do corpo de um pugilista expostas às penas mais severas: fraturas das mãos (metacarpo, polegar, articulações), do nariz e do maxilar, cortes cutâneos, descolamento da retina, lesões cerebrais crônicas que podem levar à *dementia pugilística*, hematomas de repetição nos ouvidos que produzem descolamento do pavilhão.⁹⁸

funcionamento do corpo e para sua proteção. Dito de outro modo, uma relação extraordinariamente eficiente, no limite do gerenciamento racional do capital específico que seus recursos físicos constituem. Isso porque o corpo do pugilista é, ao mesmo tempo, seu *instrumento* de trabalho – arma de ataque e escudo de defesa – e o *alvo* de seu adversário. Essa relação, contudo, não é nem o produto de uma atitude deliberadamente maximizadora, guiada por decisões individuais tomadas com pleno conhecimento de causa, nem o efeito mecânico de imposições externas que agem sem mediação sobre o organismo (ao modo da “vestimenta”, segundo Foucault),⁹⁹ mas a expressão de um *sentido prático pugilístico*, de um sentido de poupança corporal adquirido insensivelmente no contato durável com os outros atletas e com os técnicos, ao longo dos treinamentos e nos combates, e que permanece, enquanto tal, inacessível ao controle consciente e deliberado, a despeito dos esforços conjugados de boxistas, treinadores e empresários mais inclinados à racionalização de seus ofícios.⁽⁴⁸⁾ O conhecimento que os pugilistas têm do funcionamento de seu corpo, a percepção prática de que há limites que não devem ser ultrapassados, os trunfos e os pontos fracos de sua anatomia (uma base baixa ou uma grande velocidade de braço, um pescoço muito fino ou mãos frágeis), o comportamento e a tática que adotam no ringue, seu programa de preparação, as regras da vida que seguem, tudo isso vem, de fato, não da observação sistemática e do cálculo refletido da linha ótima a ser seguida, mas de uma espécie de “ciência concreta”¹⁰¹ de seu próprio corpo, de suas potencialidades e de suas insuficiências, retirada do treinamento cotidiano, assim como da “terrível experiência de apanhar e bater repetidamente”.¹⁰²

Existem inúmeras técnicas para preservar e fazer frutificar seu *capital-corpo*. Desde a maneira de bandar os punhos (e o tipo de bandagem protetora utilizada) até o modo de se respirar durante o esforço, passando por todos os golpes de esquiva, o emprego de

(48) Lembremo-nos de que “o sentido prático orienta ‘escolhas’ que, por não serem deliberadas, nem por isso são menos sistemáticas, e que, sem serem ordenadas e organizadas com relação a um fim, nem por isso são menos portadoras de uma finalidade retrospectiva”.¹⁰⁰

Ashante, em seu *sweat suit*, tira as bandagens das mãos, no fim do treinamento.



pomadas, unguentos e elixires especialmente manipulados, os exercícios e os regimes alimentares especiais, os boxeadores do Woodlawn recorrem a uma gama extensa de dispositivos que visam a preservar e a reproduzir suas reservas de energia e a proteger seus órgãos estratégicos. Alguns deles imitam o antigo campeão Jack Dempsey, célebre por embeber suas mãos na salmoura para endurecer a pele das falanges. Outros, antes do treino, bebuntam o tronco e os braços com alboleno, um óleo que “esquenta o corpo e distende os músculos” (segundo a bula), ou, depois do exercício, vaporizam a aresta do punho com uma solução à base de vitamina E.⁽⁴⁹⁾ Um outro esfrega uma esponja seca sob os *hand-wraps*, como forma de atenuar o impacto dos choques repetidos contra o saco de areia, enquanto outro, cujos ossos são frágeis em relação ao soco, é acompanhado regularmente por um terapeuta de mãos. Os profissionais que têm meios para contratar os serviços de um *trainer* (técnico-terapeuta) remunerado, tais como Ed “Smithie” Smith ou o antigo campeão do mundo Adolphe Ratliff, terminam cada uma das sessões de treinamento com uma longa massagem [*rub-down*] feita pelas mãos experientes desses treinadores. E eu poderia retomar inteiramente a descrição que Weinberg e Arond fazem dos *gyms* de Chicago, no início dos anos 1950, de tal modo ela se aplica ao que eu observei no Woodlawn Boys Club:

(49) William Plummer relata práticas similares em uma academia de East Harlem, em Nova York (*op. cit.*, p. 62).

Os boxeadores chegam a considerar seu corpo e particularmente suas mãos como seu capital profissional [*stock-in-trade*]. Os pugilistas têm diversas fórmulas para impedir que suas mãos inchem, fiquem muito doloridas ou sofram fraturas. O que não quer dizer que exista aí um interesse hipocondríaco, uma vez que eles valorizam a virilidade, aprendem a enrijecer-se e a desprezar o comportamento excessivamente cuidadoso. Mas os boxeadores não param de experimentar remédios e exercícios que têm como finalidade melhorar seu corpo. Um deles praticava a ioga, outro tornou-se um adepto do culturalismo, um terceiro jejuava periodicamente; outros pesquisavam loções, vitaminas e outros meios de fazer aumentar a rigidez, a vivacidade e os socos.¹⁰³

Esse é um dos principais paradoxos do boxe: *é preciso usar seu corpo sem gastá-lo*, mas a administração adaptada a esse objetivo não obedece a um plano metódico e pensado, nem que seja pelas precárias condições de vida daqueles que o praticam. O pugilista navega, portanto, tendo sob seu “campo de visão” duas rochas igualmente perigosas, e ainda mais porque elas não são visíveis, mas são variáveis no tempo e, em grande medida, subjetivas: de um lado, o excesso de preparação que dilapida em vão os recursos e abrevia inutilmente a carreira; de outro, uma falta de disciplina e de treinamento que aumenta os riscos de contusão grave e compromete as chances de sucesso no ringue, ao deixar inexplorada uma parte das capacidades do combatente.

O par formado por Butch e Curtis oferece uma realização ideal dessa oposição. De um lado, a frugalidade pugilística em forma de homem: Butch treina e boxeia com sobriedade e economia; ele sabe evitar, durante períodos bem longos, qualquer desvio alimentar, sexual, emocional ou profissional. Tudo em sua preparação minuciosa exprime um sentido agudo de equilíbrio e de longo prazo. Mas seu ascetismo, que, em seu rigor, beira a abstinência com relação a qualquer coisa que poderia prejudicar sua preparação, em alguns momentos torna-se ansiedade e leva-o, então, a treinar em excesso, a consumir suas forças até o ponto de esgotá-las. De outro lado, Curtis encarna o déficit de racionalidade que se manifesta por um treinamento às vezes irregular e por uma higiene física e moral flutuante. Em primeiro lugar, fora da aca-

demia, onde ele nem sempre sabe privar-se dos mínimos prazeres da existência (bebidas gasosas, doces, comidas gordurosas) e onde sua temperança sexual conhece altos e baixos. Depois, na academia, porque lhe acontece deixar de treinar durante longos períodos (sobretudo depois de um combate), ao contrário de Butch, que “marca o ponto” no clube com uma regularidade milimetrada. Por contraste com este último, Curtis faz de seu corpo um uso tumultuoso, desabrido, quase “louco” – isto é, desviante com relação aos cânones do boxe racional –, como acontece quando ele avança sobre o adversário, por vezes seu parceiro de *sparring*, deixando cair a guarda de modo a lhe oferecer o rosto descoberto como uma forma de provocação, o que o coloca sob a ameaça de sofrer um ataque. Assim, ele usa seu corpo para nada, expondo-se gratuitamente a um ferimento ou à ira dificilmente contida de DeeDee.

Essas diferenças de meios entre os dois boxeadores são multiplicadas pelas suas constituições e seus respectivos caracteres: Butch é doce, plácido, com um humor inalterável; já o humor de Curtis é cambiante, imprevisível, suas emoções são bruscas e à flor da pele, seu nível de energia é bem irregular. Enquanto a programação de treinamento de Butch raramente é perturbada por problemas de saúde, Curtis fica doente com frequência (DeeDee adora dizer que “Curtis tem um resfriado dia sim, dia não”), a ponto de seu empresário insistir para que ele vá passar os dias mais rigorosos do inverno em sua fazenda da Carolina do Sul, para não sacrificar preciosas semanas de preparação com uma gripe tremenda. Esse contraste de personalidades está estreitamente correlacionada e é reforçada pelas diferenças de condição social entre os dois companheiros de clube: um é proletário, membro da aristocracia operária, tem um emprego e uma renda estáveis; o outro é subproletário, sem qualquer tipo de segurança social e econômica, submetido aos ciclos de emprego dos serviços desqualificados.⁽⁵⁰⁾ E eles divergem até em suas expectativas econômicas com relação à profissão: Butch reconhece que suas

⁽⁵⁰⁾ Volta-se aqui a encontrar uma oposição clássica, estabelecida por Bourdieu para o caso da classe operária argelina, entre dois tipos de posição social e entre dois sistemas de expectativas e de meios que lhe correspondem.¹⁰⁴

chances de ganho são mínimas; já Curtis sonha acordado com uma ascensão fulgurante que o faça subir miraculosamente ao topo da escala social.

**CURTIS: "POSSO GANHAR UM MILHÃO DE DÓLARES
NUMA NOITE"**

Com 56 quilos e 1,70 de altura, Curtis Strong luta na categoria dos pesos superleiros. Ele tem 27 anos e boxeia há três anos entre os profissionais. Chegou à Nobre Arte tardiamente, depois de ter feito um certo nome como "vagabundo" no seu bairro. "Como eu era pequeno, sempre tinha um monte de caras pra me encher, então precisei aprender a bater. Quando eu era garoto, eu brigava *antes* da escola, *durante* a escola e *depois* da escola. Precisava me defender." Depois de uma série, como amador, de 37 vitórias e seis derrotas, tornou-se profissional em 1986, após ter arrebanhado o título das Chicago Golden Gloves, o mais famoso torneio amador da cidade. Mais tarde, justificou todas as esperanças postas nele por parte do clube, vencendo oito combates consecutivos, antes de ganhar, uma heróica luta, o título de campeão de Illinois, batendo por pontos um mexicano temível pela experiência e pelos golpes, por ocasião de um encontro



Curtis, vitorioso, posa com seus irmãos, que brandem o recém-conquistado cinturão de campeão de Illinois.

cuja luta principal era do legendário Roberto "Manos de Piedra" Duran – que, aos 37 anos de idade, arrebatou o seu quarto título mundial e a 97ª vitória entre os profissionais.

O empresário de Curtis, Jeb Garney, um branco rico e criador de cães, que tem várias fazendas e haras em Illinois e na Carolina do Sul, que tem assento no conselho administrativo do clube e alimenta para ele grandes ambições: "Curtis não sabe o quanto ele é bom. Se você assistisse aos filmes dos maiores boxeadores, como Johnny Branton, Sugar Ray Robinson, Sandy Saddler ou Henry Armstrong, ia ver que ele tem alguns golpes e movimentos desses maiores. Ele tem isso dentro dele [*He's got it in him*]. Ele é jovem e inexperiente, tem muito pra aprender, mas sinto que ele pode se tornar um grande boxeador." E, no entanto, falta a Curtis um mínimo de disciplina pessoal, e ele nem sempre impõe a si mesmo a higiene de vida exigida por sua carreira. O Boys Club arrumou para ele um emprego em tempo parcial, uma espécie de zelador [*janitor*], para permitir que Curtis treine em boas condições e para controlá-lo melhor. Depois de seu treinamento diário, Curtis espera a academia fechar, para varrer o salão, passar o pano no chão dos vestiários, aspirar o tapete de entrada, esvaziar as latas de lixo e colocar em ordem as mesas da creche.

Boxeador felino e impulsivo, dotado de uma grande velocidade de braço e de reação, assim como de um agudo sentido de resposta, seu comportamento excepcionalmente agressivo entre as cordas, no limite da perda de controle sobre si mesmo e do regulamento, tudo isso valeu-lhe ser conhecido, e com razão, como uma "fera" dos ringues. Essa personalidade esportiva raivosa combina perfeitamente com seu estilo, que é o de submeter seu adversário a uma pressão constante, caindo incessantemente sobre ele e batendo de todos os ângulos. E, no entanto, é da fé cristã que Curtis retira sua inspiração entre as cordas: usa sempre um crucifixo pendurado no pescoço, que ele sorrateiramente coloca dentro da sapatilha durante os combates e que nunca se esquece de beijar, com cerimônia, antes e depois de cada encontro. Nunca sobe ao ringue sem previamente ter rezado durante um tempo junto com seus cinco irmãos e o primo, que é pastor. Quando lhe perguntei se ele tinha "feito a festa" depois da surpreendente vitória sobre o campeão estadual, no International Amphitheater, o pugilista estrela do Woodlawn respon-

deu-me com sobriedade: “Eu não fiz a festa, eu agradei a Deus. Dediquei meu combate a Deus. Não faço nada que Ele não tenha me mandado fazer. A única coisa que faço é executar os planos que Ele tem para mim no ringue e fora do ringue, e eu agradeço. É tudo.” A ambição de Curtis é a mesma que a de muitos jovens pugilistas em ascensão, que só “vêm o céu como limite”: arrebatar o título mundial ou, melhor ainda, unificar os três títulos de suas categorias e, de lambuja, embolsar os cachês, cotados em milhões de dólares.

Curtis é egresso de uma família subproletária, no limite da mendicância (nove filhos, pai ausente, mãe que trabalha de modo intermitente como *barmaid* e que sobrevive principalmente de seguro-desemprego), cuja reputação é grande na rua. DeeDee conta que “todos os irmãos dele são brigadores de rua [*street-fighters*]. Todos eles sabem brigar. Mas nenhum deles vem à academia, só ele. Tem um irmão mais velho que é menor do que ele, mas ainda é mais fera, é uma fera *de verdade*. [Com um certo lamento na voz.] É pena que ele não frequente a academia, droga. Ele é duro, de uma dureza de verdade, é um natural [*a natural*]. Mas não tem muita coisa na cachola [*he ain't got to much upstairs*], fica cansado de pensar. É um pouco como Curtis, também.”

Emérito frequentador de prostíbulos durante muito tempo e pai de um garotinho de dois anos e de uma menininha de um ano, Curtis foi obrigado a se casar com a mãe das crianças quando esta ameaçou-o com a separação, depois de quatro anos de vida em comum difícil. Quando um amigo lembrou-lhe que “DeeDee diz que só há uma coisa pior que *junk food* [para um boxeador], que são as mulheres”, Curtis concorda: “Ééé, foi por isso que eu me casei. Todos os combates que eu perdi foi quando eu ficava azarando as meninas. Depois, minha mulher falou que se a gente não se casasse, ela ia me largar e ponto. Isso me fez pensar, porque eu gosto dela, e tudo isso, então eu disse, não quero perder ela, isso não, e depois esse negócio ferra você, esse negócio líquida com o meu boxe também [*all this messin' around messes up my boxin'*]. Então eu casei com ela.”

Como suas rendas são poucas e irregulares (seu emprego no Boys Club rende-lhe menos de 100 dólares líquidos por semana e não inclui seguro social e de saúde), os fins de mês são muito difíceis de atravessar, e os tíquetes-alimentação [*food stamps*], que a fa-

mília recebe do governo, são um recurso vital – Curtis, de vez em quando, vende-me tíquetes para ter dinheiro sonante, quando suas finanças estão totalmente a zero. Sua mulher, como ele, abandonou os estudos no meio do caminho, aprendeu datilografia em um curso noturno, com a esperança, um tanto irrealista, de um dia tornar-se secretária do escrivão no tribunal de polícia da cidade. Enquanto espera, ela trabalha, há três anos, como garçonete em um bar que vende quentinhas, mantido por uma família tailandesa em um setor mal-afamado do bairro negro de South Shore, ao sul de Woodlawn.

“Saca só, Louie, o que é bem legal é que cada um tem a sua carreira, não é como esse pessoal que um tem que carregar o outro nas costas. Minha mulher tem a carreira dela, ela trabalha pra valer, e eu tenho a minha carreira aqui, posso me concentrar na minha carreira, ganhar pra minha carreira. Eu, tudo o que eu tenho que fazer é lutar pra valer, e Deus vai me ajudar a enfrentar a grande luta que vai fazer eu ganhar muita grana, ganhar o título mundial e uma boa bolada. Vou me tornar um *big man*, é isso.” Ele ri e finge boxear a minha barriga. Rio junto com ele, mas a cena é antes patética, ele com a vassoura e a pá na mão, desenhando um quadro tão atraente quanto improvável e regozijando-se das “carreiras” inexistentes, pelo menos naquele dia, enquanto eu, jovem *graduate* das universidades de elite, venho perder a timidez nesse clube de boxe, por horror e cansaço da rotina acadêmica, com os seus privilégios.

BUTCH: “AGORA NÃO POSSO DEIXAR CAIR A PETECA”

Wayne Hankins, 1,87 metros de altura e 78 quilos de músculos, 29 anos, boxeou durante sete anos entre os amadores, antes de se tornar profissional, em 1985. Mais conhecido no clube pelo apelido de “Butch”, é um dos raros membros do clube que pode se gabar de ter uma profissão estável e invejada: ele é bombeiro-encanador da cidade de Chicago, um emprego público muito bem remunerado (cerca de três mil dólares por mês) e devidamente protegido pelo poderoso sindicato dos funcionários da Prefeitura (o que lhe vale uma cobertura de seguro-desemprego e de saúde, assim como o direito a férias remuneradas). Por ocasião dos encontros, “The Fighting Fireman” – é seu nome de guerra – apresenta-se no ringue vestido com um magnífico roupão vermelho cintilante, com o logotipo e a sigla do sindicato



Wayne Hankins, Butch, o eterno plácido, soca a péra de velocidade.

dos bombeiros do município bordados nas costas, e uma fiel legião de colegas de trabalho vem aclamá-lo ruidosamente das grades, toda vez que ele aparece. Casado e pai de uma família numerosa (“Na minha casa, tem quatro filhos, meu pai, um cachorro, um gato, sete passarinhos e um aquário gigante”), ele acumula esse emprego de bombeiro com outro, bem menos prestigioso e, sobretudo, bem menos remunerado, de *bagger* (empacotador) em uma loja da cadeia de supermercados Jewel, para melhorar a qualidade de vida de sua família. Na época, durante o fim de semana, ele cortava cabelos e aparava bigodes na cadeira de barbeiro que instalou em sua garagem.

Butch é famoso e admirado pela disciplina implacável que se impõe, tanto no treinamento como fora do ginásio, por uma vontade feroz de ser bem-sucedido, mas também por sua fleuma, seu sangue-frio e o controle total sobre si mesmo, perfeitamente adaptado à sua estratégia de “*boxer-puncher*”. Entre as quatro cordas, ele é o arquétipo do lutador econômico: cada golpe é computado, cada esquiva é planejada, cada deslocamento do corpo é milimetricamente ajustado de modo a minimizar seu gasto de energia e a maximizar o desgaste de seu adversário. Será que é a racionalização objetiva da existência que seu emprego de bombeiro impõe (que não tolera atrasos nem incertezas quanto a horários e à disponibilidade) o que sustenta esse pugilista, ou,

ao contrário, uma predisposição geral para a economia e para a eficácia com frugalidade teria levado-o, ao mesmo tempo, a essa profissão manual e ao ringue? É difícil responder. De todo modo, existe uma afinidade espantosa entre a regularidade e a previsibilidade das práticas cotidianas que sua inserção profissional demanda – e que prolonga a do pai, antigo operário de construção – e a maneira que Butch tem de empenhar seu corpo no *gym* e no ringue.

Em 1983, Butch também arrebatou as Golden Gloves de Chicago e passou a nutrir a esperança de ganhar o título nacional de amadores de peso médio, o que lhe valeria participar dos Jogos Olímpicos, integrando a equipe norte-americana. Mas, seriamente enfraquecido por uma contusão sofrida durante um treinamento (lábios cortados e língua lacerada por um *uppercut* levado depois do gongo, que significaram quinze pontos de sutura na boca), ele perdeu por um triz na final, depois de ter vencido heroicamente pelas quatro rodadas eliminatórias. DeeDee lembra-se, com um tremor de admiração na voz, como Butch recusara-se a desistir, mesmo quando não conseguia comer praticamente nada e emagrecia a olhos vistos, já perto da luta nacional. “Eu disse a ele: ‘Você não pode boxear assim, isso não adianta nada, vai ser péssimo, é preciso que você se declare incapacitado.’ E ele me respondeu: ‘Nem pensar, DeeDee, depois do que eu já suei para chegar até aqui, não posso deixar cair a peteca’. E ele foi.”

Depois dessa amarga desdita, Butch passou três anos sem boxear. Preferiu a segurança do emprego de bombeiro, que então lhe ofereciam, às perspectivas bastante aleatórias de uma carreira de pugilista profissional. Foi a essa altura que ele casou-se e formou uma família. Mas o demônio do ringue rapidamente prevaleceu, e Butch voltou a encontrar o caminho da academia, com uma vontade de ganhar reduplicada. Sua paixão pelo boxe não o impede de permanecer lúcido e realista: interroga-se sobre seu futuro esportivo e nem pensa em abandonar seu trabalho para jogar tudo no ringue; o sucesso entre as cordas irá decidir por ele até aonde ir. Por agora, ele fixa como seu objetivo tornar-se “o melhor de Chicago”, e calcula suas esperanças de ganhos, na melhor das hipóteses, em dezenas de milhares de dólares. Toda a sua família apóia-o nessa “segunda carreira” pugilística que se abre (cinco vitórias consecutivas, sendo quatro por nocaute e

um empate): a mulher e o pai, que, no início, eram reticentes, assistem a todos os seus combates e são pródigos em encorajamentos, em todos os instantes, tanto em casa como durante os encontros, quando fazem parte dos torcedores mais animados de Butch.

Uma das obsessões dos praticantes do *Manly art* é manter-se, senão no peso ótimo, pelo menos nas proximidades de seu peso regulamentar.⁽⁵¹⁾ A velha balança metálica de braço que reina na sala dos fundos, está ali para lembrar a todos essa exigência. O folclore pugilista é cheio de relatos de boxeadores obrigados a fazer rocambolescas proezas atléticas de última hora – muitas vezes, perigosas do ponto de vista médico –, de modo a perder os quilos a mais antes da fatídica pesagem.⁽⁵²⁾ Os membros do Woodlawn Boys Club recorrem a dietas draconianas ou a intermináveis corridas para livrar-se dos quilos em excesso antes de um combate; outros treinam vestidos com várias camadas de roupas, ou enrolados em sacos plásticos, ou, ainda, com o tronco apertado por uma cinta de borracha, que se julga ajudar a emagrecer. Em um verão, Clift perdeu mais de quatro quilos correndo a tarde inteira das vésperas de uma luta vestido com casacos,

⁽⁵¹⁾ Sempre é possível combater na categoria superior, caso se engorde muito. Mas isso constitui uma desvantagem considerável, por razões puramente físicas de diferenças de peso (e de altura) entre divisões às quais estão associadas diferenças táticas. Raros são os pugilistas que podem subir uma categoria “levando seus golpes com ele”, segundo uma expressão consagrada.

⁽⁵²⁾ No plano local e regional, tanto amador quanto profissional, os desvios de peso raramente são decisivos, e é excepcional que um empresário decida retirar seu pupilo de uma luta no último momento sob pretexto de que o adversário está ligeiramente acima do peso regulamentar, como é permitido pelo contrato previamente combinado. No entanto, quanto mais se sobe na hierarquia da Nobre Arte, mais a gestão do peso torna-se acurada, sobretudo nas categorias intermediárias, dos pesos leve ao médio. Uma diferença de meio quilo pode bastar para influenciar o resultado de um combate muito disputado. No primeiro encontro entre Thomas “The Motor City Hitman” Hearn e Sugar Ray Leonard, em 1981, por exemplo, os especialistas explicam com naturalidade a derrota de Hearn por nocaut técnico [TKO: *technical knock-out*], no décimo-quarto assalto, pelo fato de que ele havia dado um ponto de graça ao adversário quando subira à balança com o peso abaixo do máximo autorizado para sua categoria.

um espesso gorro de lã e duas calças, debaixo de um sol de rachar. Em uma bela tarde de junho, encontro os vestiários fechados e saturados de vapor d’água, a ponto de parecerem um banho turco: Tony estava boxeando o ar, correndo no mesmo lugar, perto da ducha quente, que jorra às cascatas, enfiado em um grosso sobretudo, com a cabeça e o tronco metidos em um colete com capuz de plástico transparente: “Preciso perder nove quilos, Louie, puf-puf, é por isso que eu estou aqui, puf-puf. A pesagem é amanhã de manhã, puf-puf. Vou conseguir pelo menos uns dois.”

DeeDee exerce uma vigilância minuciosa e contínua sobre o estado físico de seus pupilos, para assegurar-se de que eles não estão muito longe do peso de combate, seja para baixo, o que indicaria um perigoso excesso de treino (ou, eventualmente, uma doença grave),⁽⁵³⁾ seja para cima, de longe, o caso mais freqüente. Para conduzi-los ao caminho certo da frugalidade, ele recorre ora ao humor, ora ao afeto, ora à autoridade bruta ou ao sarcasmo, como se pode constatar nessa nota de campo datada de 25 de agosto de 1990.

Ashante lutou *sparring* com Mark, depois com Reese, em três *rounds* cada vez. Havia um pouco de “carburante” demais, nesse caso, mas ele ainda parecia pesado e continua a treinar no ringue. DeeDee ficou inquieto: “Isso não está legal, o Ashante. Ele não vai conseguir se livrar de seus quilos e já não tem a menor velocidade. Reese acertou o alvo em tudo o que passou balançando na frente dele hoje, e Ashante fica plantado diante do Reese.” É verdade que Ashante não está com a menor vivacidade, nem com movimentação lateral, ele, que de hábito esquiva-se dos jovens amadores que “atuam” com ele. Quando ele chegou, logo depois, DeeDee apressa-se por fazer a pergunta bas-

⁽⁵³⁾ Esse foi o caso trágico de Big Earl, um peso pesado truculento que adorava “atuar” com amadores mais leves, para fazê-los trabalhar a técnica ofensiva. Muitas vezes, DeeDee manifestava inquietação, em voz alta, pela súbita perda de peso de Big Earl, que lhe parecia desproporcional ao esforço feito no salão, tanto pela sua amplitude como pela rapidez. De fato, Big Earl seria internado no hospital algumas semanas mais tarde, com uma leucemia fulminante, provocada pelo manejo de produtos tóxicos em seu emprego como técnico de uma firma de fotocópias. O velho treinador, infelizmente, estava certo quando supunha que Big Earl estava gravemente enfermo.

tante vexaminosa: “Que onda é essa?” (vestido de jeans e camiseta, percebe-se facilmente que Ashante ganhou peso). Ashante responde com um sorriso meio aborrecido, fingindo não compreender que era a ele que DeeDee se referia: “Que onda, onde?” “Ali, bem na tua cara, *diante dos teus olhos*.” Ashante não respondeu palavra e se mandou, com um jeito bem chateado.

Um bom treinador não tem a menor necessidade de pôr seus boxistas na balança para saber que eles estão mais pesados: sabe “ler” o peso a partir da aparência física deles, em sua agilidade e mesmo somente de observar os movimentos de seus pés. Um dia de agosto de 1990, Lorenzo reaparece na academia depois de vários dias de ausência sem avisar e dando uma desculpa esfarrapada para seu treinador, Eddie. Este diz-lhe, com um tom reprovador e falsamente interrogativo, medindo-o com o olhar: “Você está pesando quanto, 150?” Lorenzo não se dá por achado; observa-se dos pés à cabeça no espelho, pesa-se rapidamente: “Estou um pouco acima do meu peso [ou seja, 139 libras], mais ou menos umas 145, eu acho.” “Você está com cara de estar com 150 libras quando anda.” “Não, tenho certeza de que são 145, mais ou menos.” Fim do argumento, mas não do problema.

Uma das principais funções do par formado por treinador e empresário é modular ou ajustar a trajetória de seu pupilo no tempo, de forma a otimizar o “retorno do investimento” pugilístico do trio, isto é, a relação entre o capital corporal aplicado e os dividendos obtidos pelos lutadores sob a forma de dinheiro, de experiência pugilística, de notoriedade e de contatos úteis com agentes que têm influência no campo, como é o caso dos promotores. Essa gestão efetua-se em três ordens relativamente independentes, que ela deve se esforçar para fazer coincidir: a temporalidade da carreira individual do boxeador, a trajetória dos adversários potenciais e o “tempo econômico” dos promotores. O ideal é levar seu boxeador ao ponto ótimo (mesmo que este seja local) no momento em que se oferece a ocasião de pô-lo em confronto, por um cachê considerável, com um boxeador de renome que esteja no limite de uma fase de declínio, e que, portanto, ainda desfrute de um capital simbólico acumulado (prêmios, títulos e fama) claramente superior às suas capacidades pugilísti-

cas.⁽⁵⁴⁾ Mas quanto mais se sobe na hierarquia do campo pugilístico, mais o controle do tempo escapa aos lutadores, passando a fazer parte da incumbência dos agentes econômicos especializados e, sobretudo, dos promotores e dos responsáveis pelas transmissões esportivas nas emissoras de televisão que programam as grandes lutas mediáticas. Como observa, com muita propriedade, Thomas Hauser, “o tempo é o inimigo” dos boxeadores, e não somente porque eles envelhecem e desgastam-se.¹⁰⁶

Essa gestão da passagem do tempo começa com os amadores, entre os quais alguns, por conta própria ou mal aconselhados, desgastam-se na busca de uma efêmera glória regional ou nacional com repercussões econômicas incertas, de modo que, quando entram na categoria de profissional, já consumiram seriamente seu capital-corpo e não podem mais esperar por uma carreira longa e profícua. Segundo DeeDee, esse é o caso de Kenneth “*The Candy Man*” Gould, que recentemente ganhou uma medalha olímpica norte-americana em Seul, e desgastou-se muito entre os amadores, disputando, nessa categoria, mais de 300 encontros: “Ele já lutou demais. Não sobrou muita energia pra ele [*not enough peps left in him*]. Não sei, não, precisa ver. Há anos, eu disse pra ele virar profissional.” Por que ele não fez isso? Munido de um empresário inexperiente ou mal situado nas redes de influência, Gould teimara a todo custo em disputar as Olimpíadas de Seul (onde o francês Laurent Boudouani venceu-o na semifinal). O futuro de Kelcie Banks, de 22 anos, outra jovem esperança de Chicago (ex-freqüentador do Woodlawn Boys Club e campeão do mundo como amador), do mesmo modo vencido nas preli-

⁽⁵⁴⁾ A luta pelo título mundial dos superleves, na versão WBC, disputada em fevereiro de 1989, por René Jacquot e Donald “*The Cobra*” Curry, é um bom exemplo de gestão bem-sucedida por parte do pugilista francês e sua *entourage*. Transcendido pelo evento, Jacquot “colheu” Curry no momento em que este último ainda desfrutava de um grande prestígio, embora sua fama já estivesse bastante diminuída (ele acabava de sofrer duas sérias derrotas antes de voltar a ganhar o cinturão de campeão do mundo). E aquilo que, para o Cobra, deveria ser uma simples luta de aquecimento para se preparar para o “próximo evento”, a “eliminação direta de um adversário obscuro e pobre”, transformou-se em derrota, dando à França a oportunidade inesperada de “entrar na lenda” do boxe.¹⁰⁵

minares das últimas Olimpíadas, parece estar ainda mais comprometido: mais de 600 combates amadores, chegando até a três encontros por semana, em pequenos torneios sem expressão: “Isso quer dizer um bocado de socos e um bocado de desgaste [*wear and tear*] para um corpo jovem... muito desgaste”, ruma DeeDee, quando evocamos esse caso. Alguns meses mais tarde, sua profecia parece estar em vias de realização: “Kelcie? Ele não faz nada, não vai fazer nada: ele está prejudicado [*washed out*], acabado. Pensa só, ninguém quer alguém que já está prejudicado. Ele frequentou esse campo de treinamento no Texas [onde os jovens recrutas profissionais são selecionados pelos grandes agentes nacionais], mas isso não adiantou de nada. Ninguém assinou nada com ele. Se ele tivesse ganho os Jogos Olímpicos, teria ganho também um bônus de trinta ou quarenta mil dólares, na bucha. Mas ele deixou que batessem nele e não pegou nada. Está muito maltratado [*beat up*], ninguém vai pôr um centavo num carinho que já está líquido.”

Para se designar um boxeador no final de carreira, fala-se que ele “já deu o seu tempo” e que “passou a sua hora”, que ele está “líquido” [*washed up*], ou, ainda, “detonado” [*shot*], ou, pior ainda, que entrou na categoria de “carne morta” [*dead meat*]: seu capital-corpo está muito desvalorizado para que ele possa esperar vencer lutadores mais jovens, mais vigorosos e menos cansados. Na melhor das hipóteses, ele pode ambicionar que os organizadores de reuniões mantenham-no como “valorizador” de estrelas em ascensão; a superexploração de seu capital-corpo, nesse caso, permite que esses pugilistas novos aumentem suas vitórias com um menor desgaste de seu próprio capital-corpo, tal como indicam essas anotações de campo:

Enquanto DeeDee ajusta minhas luvas, dirijo-lhe perguntas sobre Hightower – com o *mouth-piece* na boca, mastigo as palavras, embora se pudesse achar que eu estava falando como um negro norte-americano, o que não parece atrapalhar em nada a compreensão de DeeDee. Hightower é um antigo profissional do clube que decidiu voltar ao ringue aos 38 anos completos; ele teima absolutamente em fazer *sparring* com Butch. DeeDee não gosta muito dele, porque boxeia com muita brutalidade e sem qualquer controle, sem dúvida, para restaurar seu prestígio na

bolsa de valores pugilísticos: “Ele pensa que pode voltar a lutar, mas está acabado. Ele está acabado, mas o carinho continua a sonhar, ele sempre tem esse sonho [de glória]. Acha que pode segurar a onda e voltar a lutar, mas ele está muito gasto. *Está muito tarde*. Antes, ele era um bom pugilista, mas agora ele está castigado demais [*beat up*].” [Nota de 17 de dezembro de 1988.]

O imperativo de entesourar a energia corporal afirma-se também no curto espaço de uma sessão de treinos. Comprovação disso é a insistência com que DeeDee nos proíbe de fazer exercícios no saco de areia antes de subir para “jogar” no ringue: “Devagar, devagarinho, Louie, guarde suas forças para o *sparring*. Já falei pra você deixar esse saco de areia em paz, droga!” É essa mesma necessidade de deixar o corpo repousar que justifica as “folgas” periódicas, sobretudo no dia seguinte ao de um combate difícil. DeeDee, em geral, concede uma longa semana de folga para seus boxeadores depois de uma luta – duas semanas, se o combate foi particularmente duro do ponto de vista físico. Depois que, com tristeza, interrompi meu treinamento durante duas semanas, por ocasião das festas de Natal, o velho técnico consolou-me: “De vez em quando, precisa sair da sala, arejar um pouco, faz bem. Depois, quando você retoma, tem mais gás. Mas é preciso não parar por muito tempo, de jeito nenhum. Senão você perde a forma, perde a velocidade, seu *timing* fica desregulado.” [Nota de 5 de janeiro de 1989.]

A regulação da violência no ringue faz parte integrante do dispositivo geral de preservação do corpo do pugilista. No trecho de minha caderneta que vem a seguir, DeeDee lembra essa regra de gestão a Eddie, após um incidente de *sparring*.

No segundo *round*, Rodney ficou vendo estrelinhas, atingido por Ashante, que explica: “Vi logo, logo que eu tinha machucado ele e estava preparado para segurá-lo, DeeDee, caso ele tivesse caído. Eu bem sabia que a gente devia ter parado.” Mas os dois amigos de clube continuaram a boxear, mesmo depois que Rodney mal se sustentava sobre as pernas. DeeDee lançou a Eddie um olhar severo e, com um tom vivo de reprovação: “Quando teu menino é atingido desse jeito durante o *sparring*, você tira ele do ringue. Você não deixa ele levar uma surra ou que tente se virar por conta própria. *Você tira ele do ringue*. Esse é o teu servi-

ço, tirar ele nesse exato momento, entendeu?” Eddie, envergonhado, em voz baixa: “Tudo bem, DeeDee, tudo bem. Eu não sabia. Da próxima vez, eu já estou sabendo, eu tiro ele logo.”

O domínio prático do tempo é uma dimensão central do sucesso da aprendizagem do ofício de boxeador. “Isso leva tempo”, “Aproveite o tempo”, “Persevere, isso vem com o tempo”, “Não se precipite”, essas são expressões que voltam sem cessar dentro da academia, seja qual for o nível do boxeador, e que contribuem para que cada qual aprenda a demonstrar seu investimento físico e moral na duração temporal específica do campo. É também esse investimento corporal no tempo, o lento processo de incorporação da técnica pugilística e de somatização de seus princípios básicos, que marca a fronteira entre os praticantes ocasionais e os boxistas regulares e que interdita a passagem imediata de uma categoria para outra. O treinador assistente Eddie lembra essa distância com um sarcasmo deliberadamente exagerado para um visitante que tentava desajeitadamente bater na pêra de velocidade: “Ei! É melhor você parar com isso: leva *anos de serviço* pra você aprender a bater nesse aparelho.” Para um antigo boxeador, bem conservado fisicamente, é preciso um mínimo de três meses de treinamento intensivo para voltar às condições de combate; para os amadores, são precisos, no mínimo, dois ou três anos de prática regular antes de se dominar razoavelmente a panóplia básica do pugilista, e três anos mais antes de se produzir um profissional completo. O boxe é “uma escola de paciência, de disciplina e de perseverança”, o antípoda da “gratificação imediata”.¹⁰⁷ Testemunha disso são essas três anotações de campo, entre centenas de outras que se poderiam citar aqui.

Em 19 de novembro de 1988, Eddie vem encorajar-me, enquanto estou pulando corda: “Eu estava te vendo trabalhar no saco de areia, Louie, você melhorou tremendamente, tua coordenação melhorou.” “Obrigado, mas agora o que eu preciso mais é fazer *sparring*.” “Não confunda as coisas, isso ia ser perda de tempo, continue a trabalhar e você chega lá. Isso é uma questão de tempo.” Em 17 de dezembro do mesmo ano, foi Butch que, enquanto retomava o fôlego estirado sobre a mesa entre duas séries de abdominais, disse-me que eu estava fazendo progres-

so, mas que ainda levo muitos golpes: “Você precisa se proteger melhor. Você vai aprender. Isso não pinta num dia. Mas leva tempo.” Em 4 de março de 1989, Butch, mais uma vez: “Quando você começa a sentir teu jabe, quando você sente que pode manter teu adversário a distância com teu jabe, o resto pinta por si mesmo. É preciso trabalhar, o resto pinta devagar. Há quanto tempo você está treinando?” “Cerca de seis meses.” “Hum, isso não é nada. É preciso dar tempo, é preciso continuar.”

Persistir com paciência, esperar sua hora sem relaxar, dosar o esforço no tempo, demonstrar suas expectativas e, ao mesmo tempo, ocultar suas emoções: estas são as qualidades decisivas da aprendizagem do boxe. Se o boxeador não as possui, o técnico pode compensá-las impondo-as de fora; por exemplo, privando o pugilista do *sparring* durante um período predeterminado, caso ele seja muito impaciente, ou amudando suas lutas de modo a quebrar o andamento de sua rotina. Além dos conselhos dos pares e das diretrizes do treinador, é o corpo que, por ele mesmo, regula, em última instância, a velocidade e a tendência da progressão. Um excesso de treino rápido ou repetido provoca contusões que, mesmo quando são leves, logo revelam-se suficientemente incômodas, a ponto de forçar uma quebra da cadência: pequenas feridas reincidentes na aresta do pulso ou muitos vasos rompidos entre os dedos limitam o trabalho no saco de areia; um joelho doído impede que se pule corda; uma costela dolorida, depois de uma sessão de *sparring* brutal, não permite que se façam abdominais. Mais do que as contusões sérias, é o acúmulo de pequenas mazelas e de perturbações físicas que serve como regulador natural da carga de trabalho, como comprova essa passagem de meu diário de campo, de 6 de outubro de 1988.

Ontem, quarta-feira, acordei com o pulso direito inchado e muito dolorido: forcei demais a barra no saco de areia, na terça-feira, batendo como um animal, e agora pago por isso! Ainda hoje ele está frágil, e eu não consigo flexioná-lo nem pegar um objeto pesado com essa mão. Portanto, não poderei trabalhar no saco de areia, para minha grande tristeza. Mesmo assim, vou ao *gym*. [...] DeeDee, que bem me avisara, mas em vão, aconselha que eu me contente em fazer *shadow*, para poupar o pulso. O treina-

mento é terrivelmente doloroso: sinto uma dor medonha na mão direita, não consigo pular corda. Chego mesmo a fazer uma série no *speed bag* com uma única mão. E logo meu braço esquerdo também se faz sentir; ele está formigando, como se estivesse morto, a ponto de eu ter vontade de parar apenas depois de dois *rounds* diante do espelho.

O esgotamento físico resultante de um excesso de exercícios diminui a vivacidade e o tônus no ringue, aumentando as chances de contusão e de uma interrupção prolongada, e, portanto, de uma falta de treino. Uma parada forçada pode, por sua vez, levar a uma retomada muito acelerada, e, daí, a um novo excesso. E assim por diante. Para boxear ao longo do tempo, é preciso aprender, por meio de uma dosagem progressiva, a ajustar o esforço de modo a entrar num círculo vicioso em que o treinamento na academia e o confronto no ringue alimentam-se e reforçam-se mutuamente e em que suas temporalidades próprias entram em sinergia. Os quatro trechos de notas de campo que se seguem ilustram as diversas maneiras como o problema da gestão do corpo, da preservação de sua integridade e de sua energia apresentam-se para os boxeadores, tanto na academia e no ringue como na vida cotidiana.

ALGUMAS FIGURAS DA GESTÃO DO CORPO

Depois do empate de Butch no Park West [8 de maio de 1989]

Primeiro obstáculo para a vitória profissional de Butch: depois de cinco vitórias, sendo quatro por nocaute antes do terceiro *round* e com apenas um dos combatentes indo até o final da luta, ele passou por dificuldades ontem, na reunião de Park West. Será que o adversário era muito forte? DeeDee fala com ironia: “Você está falando, Butch ficou enjoado de se lançar numa luta perdida. Ele não tinha mais nada no bolso desde o segundo assalto. Nenhum gás [no gas]. O outro camarada não sabia boxear, mas Butch não conseguiu mandar ele à lona. Bem que ele tentou, mas não conseguiu. É *sparring* demais. Eu falei pra ele não abusar do *sparring*, droga, mas ele arrumou um jeito de ‘jogar’ oito *rounds* no sábado passado! Resultado: ele não teve gás para o combate e precisou correr atrás do camarada o tempo todo pra nada. [...]

“Não é o desgaste [*it ain't no wear and tear*] dos combates; é um excesso de treinamento. Butch é ansioso, nervoso, e ele treina muito pesado, treina demais. Está sempre com medo de não estar preparado. Já briguei com ele o bastante, já briguei muito com ele exatamente por causa disso. [Com veemência.] Já disse pra ele não fazer tanto *sparring*. Já disse pra ele não passar muito tempo no saco de areia depois do *sparring*. Tudo o que ele precisa fazer é descontrair, trabalhar o jabe, é só. Mas ele não quer escutar meus conselhos. Está bem, está certo! Ele vai ver na pele quem tem razão. E ali, ele ficou enjoado, e me saiu com esse empate, mas bem que ele poderia ter perdido, porque já estava exausto desde o segundo *round*. Além do mais, isso não é da minha conta [*that's none of my business*]. Esses caras que não querem escutar, tudo bem, pior pra eles! Ele quis fazer *sparring*, tudo bem. Eu bem sabia que ele ia ser massacrado, queimado [*worn out, burned out*]. Você tem os caras, eles se acham mais espertos, acham que já sabem de tudo.” O velho técnico lança um olhar de aborrecimento para o teto.

Depois do combate difícil de Curtis em Harvey [7 de dezembro de 1988]

DeeDee sai dos vestiários móveis de madeira, seguido de perto por Curtis, já vestido em calças jeans e suéter de lã. Eles sentam-se a distância, no fundo da sala, para tirar as lições do combate. DeeDee, com o olhar severo, inclina-se em direção a Curtis, para passar-lhe um sermão vigoroso. Ele está furibundo por Curtis ter se deixado tocar tanto por seu adversário sem se esquivar melhor e sem se proteger. Que este último estivesse evidentemente fora do peso (ele pesava 137 libras, em vez das 130 regulamentares, contra 132 libras de Curtis, que não parava de repetir que “esse cara era um *pitbull*, *man*, toda vez me mandam um *pitbull*” não era desculpa para que Curtis se deixasse levar pela sorte. Ele tomou muitos golpes e saiu bastante arriado, com o rosto tumefacto, um corte feio na bochecha direita e um profundo talho no olho esquerdo, que certamente iria precisar de alguns pontos. Segundo a opinião geral, Curtis devia ter “arrasado” com seu oponente no segundo *round*, quando o havia mandado à lona com uma combinação de golpes cortantes. Em todo caso, ele devia ter lutado de modo mais inteligente, mantendo-se a distância, em lugar de ceder às provocações do adversário e

aferrar-se a um corpo a corpo brutal. O'Bannon confiou-me, mais tarde: "Curtis não vai muito longe se ele deixar que um tipo desses o esmurre, será que não sabe *se poupar* melhor que isso? A estrada é longa. Caras como esses, a gente tem que se livrar deles rapidinho."

Os próprios boxeadores estão prontos a atribuir a queda súbita de um dos seus a uma falha na disciplina e na higiene corporais que todo pugilista deve impor-se fora do ringue. Toda infração, na ascese mundana que define o regime espartano do boxeador ideal, é prontamente interpretada como a causa direta de seus fracassos no ringue.

O declínio físico e pugilístico de Alphonso [19 de novembro de 1988]

Curtis imita golpes, fendendo o ar com seus punhos e soltando "Hamm! Hamm!" sonoros. Butch acompanha-o com atenção. Levo alguns minutos para compreender que eles falam do combate da última quinta-feira, em que Alphonso Ratliff perdeu o título nacional e, segundo eles, deixou-se tomar uma bela enfiada de golpes (foi à lona duas vezes, no quarto assalto, antes de ser posto a nocaute, no quinto). Curtis: "O carinha conseguia encaixar todos os golpes e batia nele, no corpo e na cabeça, e nunca nas luvas. Alphonso contentava-se em deixar os braços assim [ele se pôs em guarda, com a cabeça protegida pelos antebraços] e ficava parado." Curtis e Butch não escondiam sua reprovação pelo fato de que Alphonso contava muita vantagem antes da luta. "Ele berrava: 'Vou acabar com esse cara, ele não vai agüentar cinco *rounds* contra mim', e você nunca fala coisas desse gênero antes de um combate, cara! E depois foi ele que apanhou." A luta fora transmitida por uma rede de TV a cabo de Chicago, o que se tornara ainda mais penoso para a reputação de Alphonso. Curtis e Butch concordam que ele está chegando ao final da carreira. "Ele está despencando ladeira abaixo [*goin' downhill*], com certeza. Seria melhor que pendurasse as luvas. Está acabado, cara, acabado. Nunca mais ele vai lutar um combate valendo o título, cara."

Pergunto por que Alphonso deixou-se esmurrar tão facilmente: seu adversário era tão superior assim, ou Phonzo estava mal preparado? Butch: "Saca só, cara, o camaradinho tem 33 anos ago-

ra, Louie. Quando você está nessa idade, precisa se manter em forma. Não se brinca com álcool, não se brinca com drogas, não se brinca com mulheres." Sentado em seu banquinho, ele imita uma cópula, com um inequívoco movimento de quadris. "Esse treco cobra seu preço [*take a toll on you*]. Se você não se mantém afastado dessas coisas, aos 33 anos, cara, você está acabado, arrastado. Olha pra mim. Eu não brinco com nenhuma dessas coisas e me mantenho em forma. Mas Alphonso, ele brinca com as três, principalmente com as mulheres." Novo movimento sugestivo dos quadris. "Ele agora está muito velho pra esse tipo de coisa, cara. Já passou o tempo dele. Ele devia abandonar os combates, pendurar as luvas, de verdade."

O escândalo do pugilista que fuma [28 de julho de 1989]

Ashante conversa com Luke, que acaba de concluir sua sessão de treinamento, tendo, ao fundo, o barulho ensurdecedor que Smithie faz no *speed bag*. Ele conta a história de um cara chamado Ray, que era "o melhor peso pesado da cidade. Cara, esse sujeito era superbárbaro, tinha um golpe daqueles. Mas depois, ele não tomou muito cuidado com ele mesmo, não era sério a esse ponto. Ele fazia de tudo e não treinava pra valer – todo mundo sabia disso. Mas no dia em que eu vi, com meus próprios olhos, ele fumando um cigarro logo depois de uma luta, aí eu entendi que ele nunca mais ia ser bom naquilo."

Luke fica mudo, sem reação durante dez segundos. Depois, bruscamente, como se realizasse com atraso a enormidade da coisa, lançou sobre Ashante um olhar incrédulo. E com o tom de um padre que acaba de ouvir uma blasfêmia na sala da sacristia, exclama, rolando os olhos escandalizados: "*Ele estava fumando depois de uma luta?! Ele estava fumando nos vestiários, depois do combate? [Como se essa fosse uma monstruosidade inconcebível.]*" "Não, não nos vestiários, na platéia. Eu vi ele sentado na platéia depois da luta, tragando um cigarro, junto com um colega dele. *E aí então eu saquei que, pra ele, estava tudo acabado, cara.*"

A sabedoria específica do técnico é conseguir estimular e dosar os esforços de seus pupilos ao mesmo tempo com relação a seus corpos e com relação às múltiplas temporalidades próprias

à instituição e assegurar o funcionamento harmonioso da complexa maquinaria coletiva que transmite o saber e suscita os investimentos dos boxeadores (no duplo sentido da economia e da psicanálise). Ao orquestrar as múltiplas ações que, imbricando-se, definem o *gym* como configuração móvel de agentes interdependentes, DeeDee contribui para produzir e para cristalizar a crença pugilística. Ao contrário do que sugerem Weinberg e Arond,¹⁰⁸ essa função moral não se manifesta apenas em momentos de crise, em que o desencanto torna-se subitamente ameaçador, mas de modo constante, na rotina cotidiana da academia. As situações críticas, como os dias seguintes às derrotas, muitas vezes geradoras de um questionamento prático da *illusio* pugilística, em que o treinador desempenha abertamente o papel de confidente, de sustentáculo e de prosélito, dissimulam o trabalho anódino de treinamento e de produção contínua da crença que se efetua no dia-a-dia, de maneira invisível e inconsciente, pela mediação da própria organização da academia e de suas atividades.

Ao final desse caminho iniciático – temporariamente interrompido pelo trabalho necessário à objetivação –, o boxe revela-se uma espécie de “ciência selvagem”, uma prática eminentemente social e quase culta, exatamente porque ele parece pôr em jogo somente os indivíduos que arriscam seus corpos no ringue, em um confronto singular de aparência rudimentar e desenfreado. E o pugilista emerge como o produto de uma organização coletiva que, embora não seja pensada ou desejada enquanto tal por alguém, nem por isso deixa de ser objetivamente coordenada pelo ajustamento recíproco das expectativas e das demandas daqueles que ocupam diferentes posições no espaço do *gym*. Esses elementos de uma antropologia do boxe como “fenômeno biossociológico”¹⁰⁹ põem em evidência o lugar central da razão prática, nesse caso limite da prática que é o pugilismo, e convidam-nos a superar as distinções tradicionais entre o corpo e o espírito, entre o instinto e a idéia, o indivíduo e a instituição,¹¹⁰ mostrando como os dois termos dessas antinomias perenes constituem-se em conjunto e servem-se como suporte mútuo, especificam-se e reforçam-se, mas também enfraquecem-se, em um mesmo movimento.

Notas

1. George Plimpton. *Shadowbox*. Nova York: Putnam, 1972, p. 38.
2. Percebe-se isso à primeira vista, comparando-se, por exemplo, as descrições do New Oakland Boxing Club, de Oakland, na Califórnia, com as do célebre Kronk Gym de Detroit, feitas por Ralph Wiley (*Serenity: a boxing memoir*. Nova York: Henri Holt and Company, 1989, p. 28-29, 153 e ss.); do Rosario Gym de East Harlem, em Nova York, por William Plummer (*Buttercups and strong boys: a sojourn at the Golden Gloves*. Nova York: Viking, 1989, p. 51 e ss.); e do Cabbagetown Boxing Club, no subúrbio de Toronto, por Stephen Brunt (*Mean business: the rise and fall of Shawn O'Sullivan*. Markham: Penguin, 1987, p. 43-69). O livro da fotógrafa Martine Barrat, *Do or die* (Nova York: Vicking, 1993, prefácio de Martin Scorcese), fornece uma tradução visual fiel da atmosfera de um salão de boxe em Nova York que não deixa de evocar o saboroso retrato que Ronald Fried fez do Stillman's Gym no seu auge (*Corner Men: Great Boxing Trainers*, Nova York: Four Walls Eight Windows, 1991, p. 32-53).
3. Émile Durkheim. *L'Éducation morale*. Paris: PUF (1902-1903), 1963.
4. Guy Lagorce. “Mort dans l'après-midi?”. *L'Express*, 17 de março de 1989 (sobre o fracasso no ringue do boxeador da Costa do Marfim David Thio). Para uma ode à Nobre Arte, pode-se ler George Peters (*Pleins feux sur les rings*. Paris: La Table Ronde, 1970, especialmente p. 199-200). Pode-se encontrar uma recapitulação dessa dialética do culto fascinado e da condenação horrorizada do boxe no Estados Unidos no breve estudo histórico de Jeffrey Sammons (*Beyond the ring: the role of boxing in American society*. Chicago: University of Illinois Press, 1988).
5. Pierre Bourdieu. “Programa para uma sociologia do esporte”. In: [Coisas ditas] *Choses dites*. Paris: Minuit, 1987, p. 214.
6. Marcel Mauss. “Les techniques du corps”. In: *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, (1936) 1950, p. 368-369, grifos nossos.
7. Marcel Mauss, *ibid.*, p. 383.
8. Martín Sánchez-Jankowski. *Islands in the street: gangs in American society*. Berkeley: University of California Press, 1991; Mercer Sullivan. “Getting paid”: youth, crime and work in the inner city. Ithaca: Cornell U. P., 1989; Philippe Bourgois. *In search of respect: selling crack in El Barrio*. Cambridge: Cambridge U. P., 1995.
9. Para essa comparação, encontra-se uma sociografia sucinta da deterioração acelerada dos bairros negros do gueto de Chicago em Loïc Wacquant e William Julius Wilson. “The cost of racial and class exclusion in the inner city”. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, n. 501, janeiro de 1989, p. 8-25.
10. Para retomar o nome dado por St. Clair Drake e Horace R. Cayton em seu grande livro, *Black Metropolis: a study of Negro life in a Southern city*. Chicago: The University of Chicago Press, (1945) 1994.
11. Para um estudo histórico sobre a rígida divisão racial da moradia em Chi-